

RESUMO

No período entre 1865 e a década de 1940 a Ilha de Sapucaia, no interior da Baía de Guanabara, era usada como vazadouro de lixo pelos moradores do Rio de Janeiro. Desde o século XVII era relatado o uso de espaços alagadiços para despejo de material fecal, cadáveres, restos de comida e outros produtos provenientes do corpo social e dos animais residentes na socrionatureza carioca. A transferência do lixo para a Sapucaia fazia parte de medidas tomadas pelos administradores da cidade (Estado, médicos, engenheiros) para deixar o Rio de Janeiro mais limpo, belo, organizado e também como parte dos esforços de sanitização de espaços e impedir a proliferação dos depósitos de lixo nos rios, praias, pântanos, ruas, ou seja, espaços mais próximos ao centro urbano mais povoado. Com isso, a partir de 1830 o Rio de Janeiro passou por diversas experiências de implementação de serviços de limpeza urbana compatíveis com as necessidades dos seus moradores ao longo de quase um século. Nesta pesquisa será analisado como o lixo estava inserido em mudanças no padrão do metabolismo urbano: demografia, tamanho, até mesmo na concepção de função do espaço e da própria cidade transcorridos entre o século XIX e a primeira metade do século XX. O debate proposto ao longo do trabalho prioriza a interação entre os humanos e os não-humanos na tarefa de limpeza do Rio de Janeiro, compreendendo a dimensão institucional (leis, médicos, engenheiros, lixeiros, tecnologia, teorias), o uso de espaços físicos da cidade como meio de circulação de lixo (rios, praias, mangues, animais) e os impactos causados ao meio ambiente usado para a descarga dos produtos.

Palavras-Chave: Lixo. Rio de Janeiro. Limpeza Urbana. Metabolismo Urbano. História Ambiental Urbana.